

O Palácio do Ministério da Educação

Reportagem de ADALBERTO MÁRIO RIBEIRO

O PRESIDENTE Getúlio Vargas inaugurou, no dia 3 de outubro, o Palácio do Ministério da Educação e Saúde.

A solenidade inaugural foi, então, descrita minuciosamente pela imprensa diária. Desejamos, agora, apenas reportar-nos aos discursos proferidos no ato pelo Ministro da Educação, Sr. Gustavo Capanema, e pelo Professor Roquette Pinto, que falou em nome dos funcionários daquele ministério. Em seguida, cuidaremos das novas instalações daquele órgão do governo.

Vamos, portanto, transcrever aqui os referidos discursos, procurando, assim, divulgá-los um pouco mais ainda, na certeza de poder oferecer aos leitores da *Revista do Serviço Público* ótima introdução a esta reportagem, que depois se arrastará até o fim, de forma trivial e monótona, como, aliás, se arrastaram as anteriores. E o recurso de que lançamos mão para que os nossos leitores consigam chegar, ao menos, até o meio da composição, é enxertá-la de gravuras, muitas gravuras, e, de vez em quando, registrar, em pequenas entrevistas, o que nos disseram os nossos informantes, sem lhes alterar — é claro — a expressão, o modo de falar, por que se o fizéssemos repontaria logo a linguagem trôpega e desarticulada do “velho repórter”. E nessa nossa rede de pescar leitores, as fotografias e as pequenas entrevistas estabelecem, como excelente flutuante, o necessário equilíbrio com o chumbo do texto pesado que a tem de levar ao fundo para apanhar os peixinhos incautos... E esta imagem, assim tão feliz, é do grande Vieira, conforme mestre Roquette Pinto nos revela em seu discurso. Mas não há mal em pescá-la com antecipação, e servi-la sem o tempêro das aspas... Sua procedência está, afinal, revelada.

A DATA DA INAUGURAÇÃO DO EDIFÍCIO

Como dissemos, o Palácio do Ministério da Educação foi inaugurado a 3 de outubro.

Por que essa data?

O Ministro da Educação em seu discurso responderá, com precisão, a essa pergunta.

E O PROMETEU LIBERTO?

Por essa informação há maior interesse. Natural. Também o Sr. Gustavo Capanema justifica a razão de ser da escultura de Jacques Lipchitz no limiar do grande palácio. E a justifica muito bem, como se verá facilmente.

Então, vamos reproduzir em seguida

O DISCURSO DO MINISTRO GUSTAVO CAPANEMA

“Sr. Presidente :

A data de 3 de outubro é uma das mais gloriosas de nossa história : é a data em que, no ano de 1930, o nosso povo, pela primeira vez, se levantou em todos os quadrantes do território nacional para a defesa de seus direitos essenciais.

Vós fôstes o chefe dessa revolução.

Essa revolução tinha, no centro de seus projetos, o ideal das reivindicações sociais e o ideal da valorização humana. Nos primeiros dias do triunfo, vós estabelecestes os instrumentos e as bases da conquista desses dois ideais, fundando o Ministério do Trabalho e o Ministério da Educação e Saúde.

Por uma obra nacional de educação, clamou o nosso país por mais de um século. Clamou em vão.

O último apêlo falou pela voz de Miguel Couto, na sua apóstrofe angustiosa pela criação de um ministério que viesse cuidar dos problemas essenciais do homem : a saúde e a educação.

Fôstes vós que escutastes êsse clamor. E porque o escutastes, fundando, nos primeiros dias revolucionários, o Ministério da Educação e Saúde, procedestes com sabedoria política.

Eis aí porque escolhemos o dia 3 de outubro para esta inauguração.

Devo ainda dizer que, se a criação do Ministério da Educação e Saúde resultou de vossa sabedoria política, a construção deste Palácio de Vidro, em que êle vai funcionar, é um sinal de vossa livre e altíssima inteligência.



O Palácio do Ministério da Educação, na sua fachada sul.

Não é freqüente, entre os chefes de Estado, o espírito de proteção às artes. Todavia, de quando em quando, a história nos oferece a grata presença de um Mecenaz. Na história do Brasil, sob este aspecto, merece afetuoso respeito a figura de D. Pedro II.

Porém, o que é raríssimo é que o chefe de Estado, além de protetor das artes na sua usual produção e brilho, se transforme em animador da renovação e da rebeldia, num terreno em que o espírito acadêmico, em toda parte e em todos os tempos, possui o mais forte poder. Este gesto, o gesto de Péricles, o gesto de Lourenço de Médicis, só se encontra raramente.

Com estas palavras é que creio poder prestar-vos, nesta inauguração, a maior homenagem.

O Ministério da Educação e Saúde, segundo o vosso plano, lutará constantemente pela elevação da qualidade do homem brasileiro.

Essa luta deverá ser sempre animada de clareza e veemência, para ferir o mal de todas as decadências.

Por isto mesmo é que, no limiar deste edifício, encontrais, na escultura de Jacques Lipchitz, a figura do iniciador da civilização humana, do semi-deus que arrebatou o fogo dos céus — Prometeu, na decisiva luta da dominação do abutre”.

Vamos agora à

ORAÇÃO DO PROFESSOR ROQUETTE PINTO

“Resolveu o Senhor Ministro da Educação que os funcionários da sua pasta tivessem representante no ritual desta cerimônia. E deu-me a honra da sua escolha porque me encontrou entre os mais velhos e os mais antigos.

E’ um delicado privilégio que me proporcionam a generosidade do nosso chefe imediato e os meus quarenta e tantos anos de efetivo serviço.

Queria o Padre Vieira que nos discursos houvesse algo de leve e algo de pesado, como nas redes de pescar, que têm flutuantes de cortiça mas não dispõem a chumbada que as leva ao fundo. Os conceitos são o peso dos discursos; só por eles conseguem ir ao fundo das almas.

Mas o Padre Vieira acrescenta que, com tudo isso, o mais importante é mesmo saber tecer a rede.

Mal de mim, que não sei tecer coisa nenhuma...

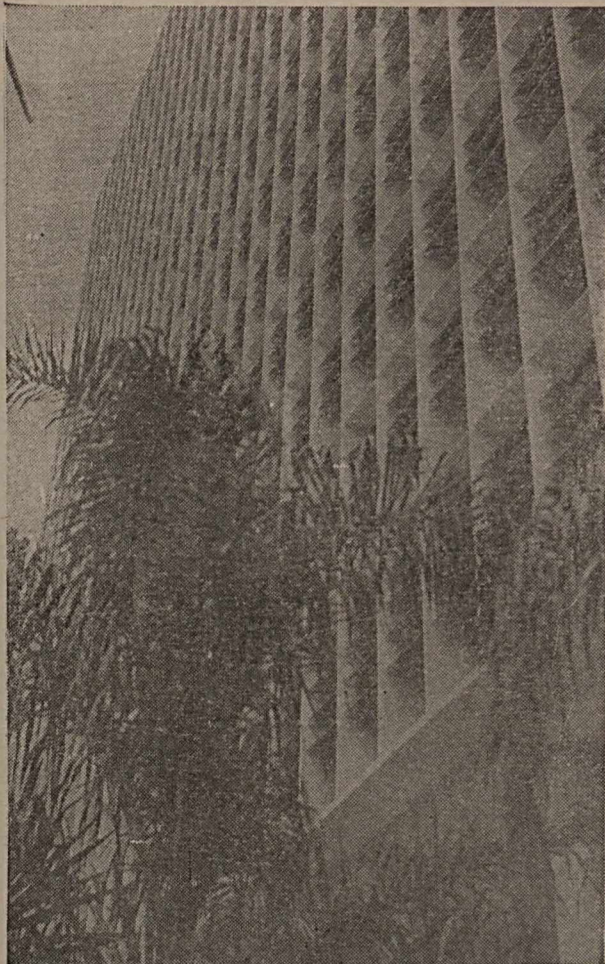
Ponho, assim, toda a esperança na benevolência dos meus colegas.

Deu, ainda uma vez, o nosso Ministro uma demonstração de espírito liberal desejando, hoje, aqui, a palavra de um simples naturalista que, visitando algu-

mas vêzes o Louvre, sempre se demorou junto aos Milliet e aos Corot e nunca perguntou se já havia por ali algum salão de *cubistas*.

Observou, certa vez, um grande espírito que os templos tão belos e grandiosos da arte greco-romana não foram, em geral, aproveitados quando triunfou o monoteísmo cristão.

Alguns, como o Panteon de Roma, que é hoje Santa Maria dei Martiri, ou o templo de Vesta, que é Santa Maria del Sole, passaram, de fato, ao novo culto. Mas não foi a regra.



Detalhe da fachada do Palácio do Ministério da Educação, lado norte.

E' que as cerimônias do paganismo tinham caráter essencialmente exterior. Muita pompa, muito brilho, mas pouco fundo moral.

O cristianismo surgiu pregando, ensinando, clamando, explicando o que lhe era possível demonstrar.

O ensino e a prédica precisavam de outra arquitetura.

Não sei qual será o estilo próprio dos edificios públicos, quando a arte de construir tiver de satisfazer aos ideais de liberdade espiritual que o surto con-

tínuo da ciência há de impor às sociedades do futuro, queiram ou não queiram os que pensam que o homem conservará para sempre a sua antiga ingenuidade. Nem mesmo posso imaginar se haverá, nos tempos que se aproximam, um estilo arquitetônico definido, como foi o gótico na vitória medieval do cristianismo. Mas o que sei — porque é a mesma evidência — é que este palácio de vidro, tão escandalosamente grandioso, sem sombras, sugere algo de profundo, claro, forte e decisivo.

E' o quadro de distribuição da energia — para me servir de uma imagem dos eletro-técnicos — de onde devem partir os impulsos fecundos do progresso espiritual do país.

Sou insuspeito para falar bem desta casa. Porque tive a honra de ver, no gabinete do Ministro, as planas dos projetos apresentados e não escondi o pouco interesse que esse me inspirou.

Mas as coisas, no papel, são diferentes... O que nos parece de um jeito — porque a nossa imaginação colabora e supre, sem querer, o que não está escrito — na transposição para o real, sofre as inelutáveis modificações que a vida impõe.

Afinal, o que comanda não é o que está escrito no papel; é o que a vida exige.

Se nas democracias tudo tem de ser acessível ao povo soberano, tudo tem de ser claro, esse Ministério da Educação é o mais expressivo dos nossos palácios oficiais. Palácio de Cristal da Guanabara.

E' diferente de todos e de tudo. E' simples. E' liso. Tem janelas sem conta; para que a gente sinta como cultura e saúde são as questões fundamentais desta nação. Problema de cultura quer dizer, antes de mais nada, elevação espiritual. Ar e luz. E elevação espiritual começa quando o indivíduo tem consciência do seu destino. E' absolutamente indispensável, para tirar proveito do esforço realizado com a sua educação, que cada menino do Brasil saiba para que veio ao mundo, tendo consciência do que vale um homem são e principalmente um homem digno.

E' inútil gastar tempo e dinheiro ensinando gente sem fé na sua própria energia, gente sem vontade e sem rumo, gente sem fé na sua pessoa, na sua família, no seu povo e na sua pátria. Educar e ensinar são coisas próximas e diferentes. O Brasil precisa saber — porque no mundo moderno só ha uma espécie de povo forte: é povo que sabe. Cinco milhões de soldados bem armados, corajosos e fanáticos, renderam-se há poucos dias diante de um gesto da ciência e da técnica.

Mas antes disso, o Brasil precisa acostumar-se a pensar na sua própria existência, abandonando o comodismo da vida ao Deus dará.

Se o problema da instrução é mais difícil, porque é muito mais caro e nos dias correntes exige meios técnicos que custam dinheiro que o povo não tem, já o problema da educação — o problema de criar bons hábitos individuais, domésticos e cívicos — o problema de acostumar-se — custará esforços, mas

não custará tanto dinheiro. Mesmo porque, se o ensino depende mais dos órgãos que governam, a educação, amparada, prestigiada pelo poder público — tem de ser obra fundamental de todos. São elas — as famílias do Brasil — que hão de preparar o terreno moral, para que o Estado possa promover o desenvolvimento do ensino e da cultura, sem malbaratar o que despende. Seja este palácio o sinal da mobilização geral em prol da educação do povo.

No recesso de cada grupo geram-se os costumes. Educar-se é adquirir costumes de significação social. Cabe a este Ministério amparar, fortificar, coordenar tudo quanto possa concorrer para firmar o movimento.

E' o Ministério da Disciplina Espiritual; porque sem ela não há educação, nem ensino, nem saúde, nem força e nem riqueza.

Esses conceitos — de um velho brasileiro que fez do estudo de sua terra e de sua gente o programa da existência e teve a boa fortuna de encontrar, aqui mesmo, prestígio que ele não merecia mas que mereciam as idéias que viveu servindo — levam-me sem nenhuma lisonja a dizer-vos, Senhor Ministro Capanema, que a vossa energia moça e sempre voltada para o que a vida nacional pode ter de belo, vem dando à nossa terra as mais altas afirmações de inteligência e de cultura.

Não tenho autoridade nenhuma para dizer do que se tem feito no Brasil nos últimos dez anos sobre o ensino sistematizado, nas escolas e nas universidades; mas posso prestar o meu depoimento sobre o surto da cultura popular do ponto de vista científico, técnico e artístico.

E creio poder afirmar que jamais a pesquisa científica foi tão prestigiada; jamais as publicações de interesse geral foram tão numerosas, tão grandes e tão belas. Ouso mesmo datar o grande movimento a partir da *Revista Nacional de Educação*, publicada pelo Ministério, que o ilustre Senhor Teixeira de Freitas fazia chegar a todos os municípios da República.

Imagino, Senhor Ministro Gustavo Capanema, a vossa alegria vendo hoje inaugurado este Palácio que simboliza tanto.

E também avalio a satisfação do Senhor Presidente Getúlio Vargas, nesta cerimônia inaugural de uma das mais belas obras do seu governo, monumento da mais ampla liberdade de pensamento e de expressão.

No passado, o Brasil foi ponto de encontro e mistura dos três tipos biológicos fundamentais da espécie humana. Em nenhum ponto da terra tantos brancos, amarelos e negros se reuniram. No futuro vai ser ponto de encontro de todos os povos. Mas ficará brasileiro no futuro como ficou no passado, pela força nacionalizadora incontestável de um meio natural dominador e do meio social mais humano que o planeta possui.

Nem sempre é possível assimilar facilmente o imigrante; as características culturais que ele traz con-

sigo, quando é dos bons, deixam muitas vezes longe o que ele encontra.

A massa maior atrai a menor. Não há decreto humano capaz de inverter esses termos. Mas se nem sempre é possível assimilar, é sempre possível nacionalizar, criando ambiente favorável à operação, mormente pelo culto das melhores tradições pátrias.

Para mim, tradição é lembrança acumulada na alma das gerações.

Muitos pensam que o idioma é fundamental naquele processo.

Mas a observação prova que há muitas nações vigorosas e independentes falando a mesma língua, tais



"Prometeu liberto", que ornamenta a fachada do auditório.

são, por exemplo, as da América do Sul; e há nações vigorosas e ativas que têm diversas línguas, tais como a Suíça e a União Soviética. A nacionalização começa pela simpatia e pela veneração. Cresce no amor da terra e da gente.

Ainda nesse particular tem este Ministério um pôsto sem igual.

Ao Senhor Presidente Getúlio Vargas e ao Senhor Ministro Capanema os funcionários do Ministério da

Educação vêm aqui testemunhar o seu respeito e a sua estima. Estamos todos a postos.

Nenhum de nós tem mais, hoje, aquele otimismo quase infantil dos nossos pais, para quem o Brasil era como país de Maira de certas tribos índias — a região sem males em que o homem só precisava de estender o braço para colher flores e frutos. Mas, no seu lugar, sentimos hoje, todos, velhos e moços, a fé consciente dos que sabem das luzes e das sombras da terra em que nasceram.

Na posse das próprias energias, liberto de certas doenças de direta influência social, educado e instruído, o Brasil vai ser, dentro do século, o grande celeiro e o berço do mundo, onde as raças hão de vir gerar a força dos homens e a beleza das mulheres, renovando o sorriso das crianças”.

A BIBLIOTECA

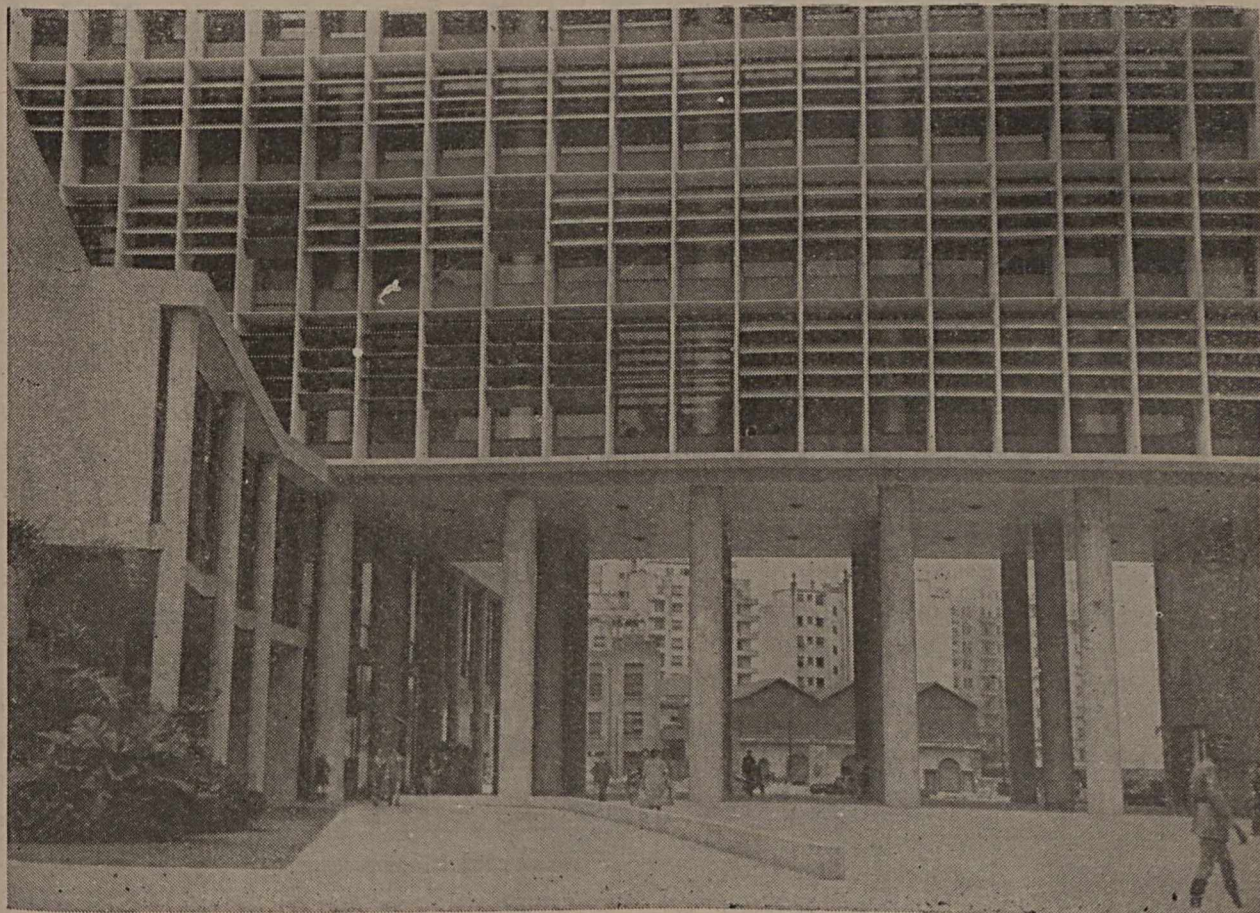
Pretendíamos iniciar nossa visita ao Palácio do Ministério da Educação pelos serviços instalados no pavimento térreo. Depois, iríamos galgando o primeiro andar, o segundo, etc., até lá em cima, de onde se descortina a cidade e vê-se grande parte da Guanabara.

Mas, projeto feito com muita antecipação e absoluta segurança falha sempre... Não lhe faltam, assim, condições essenciais a um bom fracasso... Agrada-nos o imprevisto; a surpresa tem seus encantos e a pontualidade rigorosa e o método, com suas exigências torturantes, só servem para sacrificar-nos um pouquinho a liberdade...

E foi de forma imprevista que começamos nossa reportagem pela Biblioteca, instalada no 4.º andar. E, assim, conseguimos ficar à vontade...

Consideramos que nos seria indispensável uma ordem do Diretor Geral do Departamento de Administração, nosso prezado amigo Sr. Bittencourt de Sá, para podermos percorrer toda a casa e entrar em cada seção, tomar alguns apontamentos e ir saindo de pressa, antes de perturbar os que trabalham.

Na ante-sala do gabinete do Diretor Geral ficamos algum tempo, à espera que ele nos fizesse entrar.



Detalhe da entrada principal do edifício.



O jardim suspenso, fotografado do alto.

Nisso chegou o Professor Antônio Austregésilo. Parecia apressado. E entrou logo. Mas não se demorou muito. O Sr. Bittencourt de Sá saiu do gabinete em sua companhia e na do Dr. Paulo Fontes, administrador do edifício, tendo então a gentileza de apresentar-nos ao cordialíssimo Professor Austregésilo, dizendo-nos depois :

— Ribeiro, vamos à Biblioteca, no 4.^o andar, e você vai ter muito que ver.

Realmente. Que encanto a Biblioteca do Ministério da Educação !

E o Professor Austregésilo observa :

— E temos por aí bibliotecas instaladas em verdadeiras pocilgas !

— O senhor conhece a do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, no porão do Silogeu ? — perguntamos ao Professor Austregésilo.

— Conheço e conheço também a da nossa Academia Nacional de Medicina...

E a bibliotecária, senhorita Emi Pamplona, que nos acompanha na visita, sente-se orgulhosa em nos mostrar aquêlê palácio dos livros, onde o con-

sulente tem primeiro que descansar um pouco do deslumbramento da primeira impressão e depois, então, é que toma jeito...

E o Sr. Bittencourt de Sá observa :

— Aqui o visitante fica à vontade, como se estivesse em sua casa. Se não quer sentar-se ali nas mesas comuns, pode procurar um recanto da biblioteca, junto às janelas, e entregar-se à leitura, à meditação, refestelado em magnífica poltrona acolchoada e bem macia. Se o livro é grande e pesado, há para acomodá-lo pequeno descanso, disposto em mesa baixinha, de forma que o leitor não precisa fazer força para lê-lo.

A senhorita Emi Pamplona leva-nos a ver uma estante interessante : só para documentos soltos. E outra — esta ainda mais curiosa — de revistas, que ficam de tal forma dispostas que à frente estão os primeiros números e depois, com o rebaiçamento de uma divisão de madeira, surgem os seguintes. Os grandes volumes não devem ser

guardados em posição vertical. Permanecem deitados sobre rolamentos de madeira, de modo a permitir sua retirada da estante facilmente.

Como se vê, não é só o leitor que ali desfruta de comodidade; o livro também.

Outra novidade: em vez de etiqueta na lombada do livro com seu número correspondente ao do fichário, estão sendo adotados números gravados definitivamente, na parte inferior da própria lombada. Ainda não se acha generalizado esse processo a toda a biblioteca. É trabalho que exige naturais precauções.

BARLEUS

Como bom bibliófilo, o Professor Austregésilo deteve-se, por muito tempo, a folhear o célebre livro de Gaspar Barleus, editado em 1647, e que ali estava em tradução de Cláudio Brandão, em dois exemplares: um "in folio" e outro em edição popular.

O Professor Austregésilo gostou de folhear a edição maior, a de luxo, detendo-se a apreciar-lhe a impressão do texto, que achou ótima. Quanto às gravuras, embora muito nítidas, esclareceu que, quando visitou a Holanda, teve oportunidade de ver os originais das estampas do grande livro, que lhe despertaram viva admiração, acrescentando que possui um exemplar da edição original, escrita em latim.

Como a bibliotecária Emi Pamplona nos havia dito que qualquer pessoa pode levar, por empréstimo, livros para ler em casa, perguntamos-lhe se também as obras assim como a de Barleus saíam facilmente da Biblioteca.

— Não! As obras raras e preciosas, quanto à sua execução e custo elevado, não saem absolutamente daqui, assim também o material de referência, isto é, enciclopédias, dicionários, anuários, trabalhos de estatística, diretórios, guias, etc. A consulta dessas obras só é permitida na própria biblioteca.



O Presidente Vargas, no dia da inauguração do edifício, ao receber um presente de funcionários do Ministério da Educação.



Vista do salão de exposições.

DIVISÕES ENVIDRAÇADAS

Para que o ruído dos trabalhos dos funcionários das diversas secções da Biblioteca não perturbe o ambiente de silêncio necessário ao recinto destinado à leitura, encontra-se cada setor de atividades isolado com divisões envidraçadas que vão do chão ao teto. O recinto em que trabalha a bibliotecária-chefe parece uma torre de comando, pois dali se pode observar facilmente todo o movimento de... bordo. À esquerda, auxiliares da senhorita Emi Pamplona são vistas através da grande redoma, entregues tôdas a trabalhos técnicos da biblioteca, isto é, procedendo à catalogação de obras e sua classificação e também aos referentes à aquisição, permuta, etc.

Consiste a catalogação em reproduzir numa ficha, com a maior fidelidade possível, as características de cada obra, quanto ao nome do autor, título, edição, local da publicação, editor, data, além do número de páginas ou de volumes e das ilustrações. Nessa mesma ficha aparece a classificação do assunto.

Para orientação do público e para os seus serviços técnicos a Biblioteca elabora os seus catálogos em fichas.

O *Catálogo Dicionário* é uma distribuição alfabética das fichas de autor, título e assunto da obra.

Os *Catálogos Auxiliares* são destinados ao uso constante do pessoal que trabalha na Biblioteca. São três os *Catálogos Auxiliares*: o de identidade, que informa a entrada do autor; o “cabecalho de assunto”, que registra as entradas de assuntos adotados na Biblioteca; o “catálogo topográfico”, que dá a localização de cada livro na estante, servindo, portanto, para estabelecer-se o contrôlo do livro nesta.

A Biblioteca, que está funcionando desde novembro de 1944, conta atualmente nove mil volumes, mas sua capacidade é de sessenta mil. Visa-se sua especialização em obras de educação, saúde, administração e problemas correlatos.

UMA IMAGEM E TRÊS BUSTOS

De uma igreja de Minas veio uma bela imagem de Santa Luzia, que se vê logo da entrada da Biblioteca. Foi posta em lugar de destaque para que a santa possa velar bem pela vista dos consulentes, ajudando-os, portanto, a ler melhor...

Também se encontram ali três bustos, todos em gesso. São de Virgílio, Homero e Camões.

O Professor Austregésilo, ao vê-los, disse ao Sr. Bittencourt de Sá que também deveriam figurar ali os bustos de Dante, Shakespeare e Goethe.

LIVRO DE IMPRESSÕES

Vamos dar aos nossos leitores impressões de alguns visitantes ilustres, dentre os muitos que tem tido a Biblioteca. Aham-se registradas no "livro de visitas", que então folheamos, logo que nêle deixou sua assinatura o Professor Austregésilo, que assim se expressou:

"Ganhei a minha manhã: estive no palácio do pensamento".

"A minha impressão da biblioteca do Ministério da Educação resume-se numa única palavra: admiração! — Em 21-6-45 — *Gustavo Barroso*".

"Ver livros... é o que de humano há de melhor e mais belo a ver... Bem instalados, bem servidos por funcionárias exemplares... é um manto dobrado... oiro e azul. Depois, os livros são lidos aqui como se o foram em casa nossa... Casa nossa de luxo é a Biblioteca da Educação. Inscrevo-me inquilino desta casa. Até logo! — Em 24-7-45 — *Afrânio Peixoto*".

"Quedo admirado de la organizaci3n de esta Biblioteca, de la que espero mucho — Em 15-2-45 — *Francisco Ayala*".

"The volumes in a library are measures of its value, not numbers. It is to be hoped that this library will continue a careful selection and not strive for size — Em 5-3-45 — *Malcolm St Soule*, University of Michigan".



Estátua de autoria de Celso Antônio, representando a "Maternidade", colocada à entrada do salão de exposições.



Um recanto do jardim suspenso, vando-se uma estátua de autoria da escultora Adriana Janacópulos.

"Fui o primeiro organizador da Biblioteca Central do Ministério da Educação, sem funcionários, sem verba, sem espaço. Mais tarde a Biblioteca tornou-se autônoma, passando a obedecer a uma outra orientação. Hoje são decorridos quase dez anos de sua transferência administrativa. E tive a alegria de revê-la, graças à gentileza do Ministro Gustavo Capanema. Foi para mim uma surpresa, uma impressão de encantamento. Creio que o Brasil não terá outra biblioteca igual a esta: como conforto e arte, como organização e eficiência. Que ela prestará à educação, à cultura e à administração do Brasil todos os benefícios com que sonhei, é a gratíssima certeza que levo desta visita. A alegria que me causa tudo que vi realizado aqui, é uma compensação para os esforços baldados com que tentei servir, na medida das minhas forças, à cultura brasileira. Bem haja o Ministro que deu ao Brasil esta organização admirável.

Meus parabens e os melhores agradecimentos à distinta bibliotecária D. Emi Pamplona. — Em 20-12-44 — *Teixeira de Freitas*".

"L'admiration est muette, toutefois il m'a resté un souffle pour féliciter les Autorités brésiliennes, notamment le Ministre de l'Éducation, d'avoir un Grand en construisant le "tabernacle" de la pensée d'un peuple. — 29-12-44 — *Louis Ph. Robitaille*."

"Quero deixar aqui a minha mais viva admiração por esta obra de imenso alcance cultural — que é a Biblioteca do Ministério da Educação. Para quem se dedicou com o entusiasmo mais ardente à tarefa de pugnar pela melhoria das condições técnicas das bibliotecas brasileiras, o encontro de uma instituição como esta vale pelo encontro mais feliz que poderia almejar. Posso calcular o que há de trabalho árduo na beleza desta casa. E isto torna mais legítima a minha admiração por tudo o que vi e que me deslumbrou. — Em 22-12-44 — *Josué Montello*".

"... uma biblioteca encantadora num edifício magnífico. — Em 9-5-45 — *Alexander Marchant*".

"As a lover of libraries all my life — I think heaven is probably no more than a large and well

organised library — I think this building is one of the most beautiful I have ever seen and had the good fortune to be in. I leave it with the regret that always accompanies me when I depart from a library. — Em 8-8-45 — *Herschel Brikell*".

O I.N.E.P. E SUAS INSTALAÇÕES

O décimo pavimento nos reservava uma surpresa. E ela nos era dada, no entanto, por um velho conhecido — o Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, ou o I.N.E.P., como é abreviadamente conhecido esse órgão técnico central do Ministério.

Por que a surpresa? Pelo fato de ter estado essa repartição, por mais de seis anos, no velho prédio do Calabouço, em instalações absolutamente impróprias e fora de mão, como já tivemos ocasião de mostrar em reportagem publicada no número de setembro de 1942, da *Revista do Serviço Público*.

E, fato também curioso, o I.N.E.P. foi a última repartição central do Ministério a mudar-se para o novo edifício. Está ali apenas há cinco meses. Isso não significa desatenção da administração por ele, ou por seus serviços. Antes, demonstra espírito de cooperação do I.N.E.P.. E' que, como o gabinete do Ministro não estivesse pronto, na ocasião da mudança, a transferência de uma das repartições teria de ser adiada. O I.N.E.P. entendeu que o sacrifício lhe deveria caber, simplesmente porque estava em prédio em que não pagava aluguel. Critério acertado.

Mas há compensações. O Instituto teve, afinal, todo um pavimento, e talvez o melhor, no coração mesmo do edifício — como deve ser ele o "coração" do Ministério. Coração ou "sensório" geral, onde tudo se reflita, tudo se estude e pesquise.

Por um lado, o I.N.E.P. faz, realmente, o papel de um termômetro da situação da vida educacional do país. Por outro, é um laboratório permanente de estudos, planos e projetos.



Detalhe do salão de audiências do Ministro da Educação, vendo-se um dos painéis de Portinari.



Salão de espera do gabinete do Ministro da Educação, vendo-se outro painel de Portinari.

Isso, aliás, se vê desde logo, à entrada. O pavimento é idêntico a todos os outros, onde se alojam repartições: uma grande galeria central, e salas de um e outro lado. Mas, enquanto nos demais pavimentos a galeria é “muda”, isto é, com as suas lisas e escuras paredes de sucupira encaçada, aqui elas “falam”, pela linguagem clara e expressiva de gráficos e cartogramas.

Começamos por examiná-los. O diretor do I. N. E. P. passa, vê o nosso interesse e logo vai explicando:

— Aí está a situação geral do ensino, em 32, e também, a de 42. Crescimento geral da matrícula em 69%, pois que passamos de 2 milhões e duzentos mil para três milhões e oitocentos mil. Mas repare nesta parte superior das duas barras. Aqui se destacam os ramos de ensino ulterior ao primário, isto é, todos aqueles ramos de educação da juventude: secundário, comercial, industrial, agrícola, doméstico... Enquanto em 32 tínhamos pouco mais de cem mil alunos, dez anos

depois passamos a meio milhão. O crescimento geral da matrícula foi de 69%, como vimos. O da matrícula do ensino ulterior ao primário foi de 138%.

A explicação é, então, concluída:

— A importância social dêste fato não precisa de ser salientada. Ela fala por si. O trabalho educacional tomou maior consistência, acolhendo maior número de jovens, já diretamente para preparação útil ao trabalho produtivo, já para endereçá-lo a outros estudos...

Nossas perguntas levaram a esclarecer outros pontos: densidade de população e distribuição escolar, área escolarizável e escolarizada, articulação de cursos, analfabetismo e educação integral.

Entramos no gabinete do Diretor, onde uma tabela de números em branco, amarelo e vermelho, sobre fundo de feltro negro, confirma a idéia de “termômetro”: — Em 1932, 8 escolas para

cada grupo de dez mil habitantes; em 1942, êsse índice subia a 11. Melhor distribuição escolar.

Naquele ano, 21 professores para o mesmo grupo de dez mil habitantes. Dez anos depois, 29. Maior número de mestres, maiores oportunidades para aprender.

Em 32, matrícula geral de 631 alunos por dez mil habitantes. Em 42, índice de 904. Progresso evidente, não apenas relativo, mas efetivo ou real.

Enquanto tomávamos estas notas, perguntávamos se podíamos ver se o I.N.E.P. estava ali mais bem instalado.

— Veja o Sr. mesmo, que nos conheceu nos antigos salões do Calabouço, foi a resposta.

Fomos. Nas quatro secções técnicas — Documentação, Inquéritos e Pesquisas, Psicologia Aplicada e Orientação e Seleção — o mesmo copioso material de arquivos e fichários tinha agora outro aspecto. Pareciam uma fila aguerrida, com

os seus relatórios, fichas, gráficos, cartogramas, mapas, plantas, fotografias, publicações...

Na Secção de Inquéritos e Pesquisas uma máquina de calcular batia ritmicamente, somando as despesas dos Estados e dos municípios de todo o país.

Os totais iam-se alinhando: em 1939, despesas de 398 milhões de cruzeiros. Em 1944, despesas de 687 milhões.

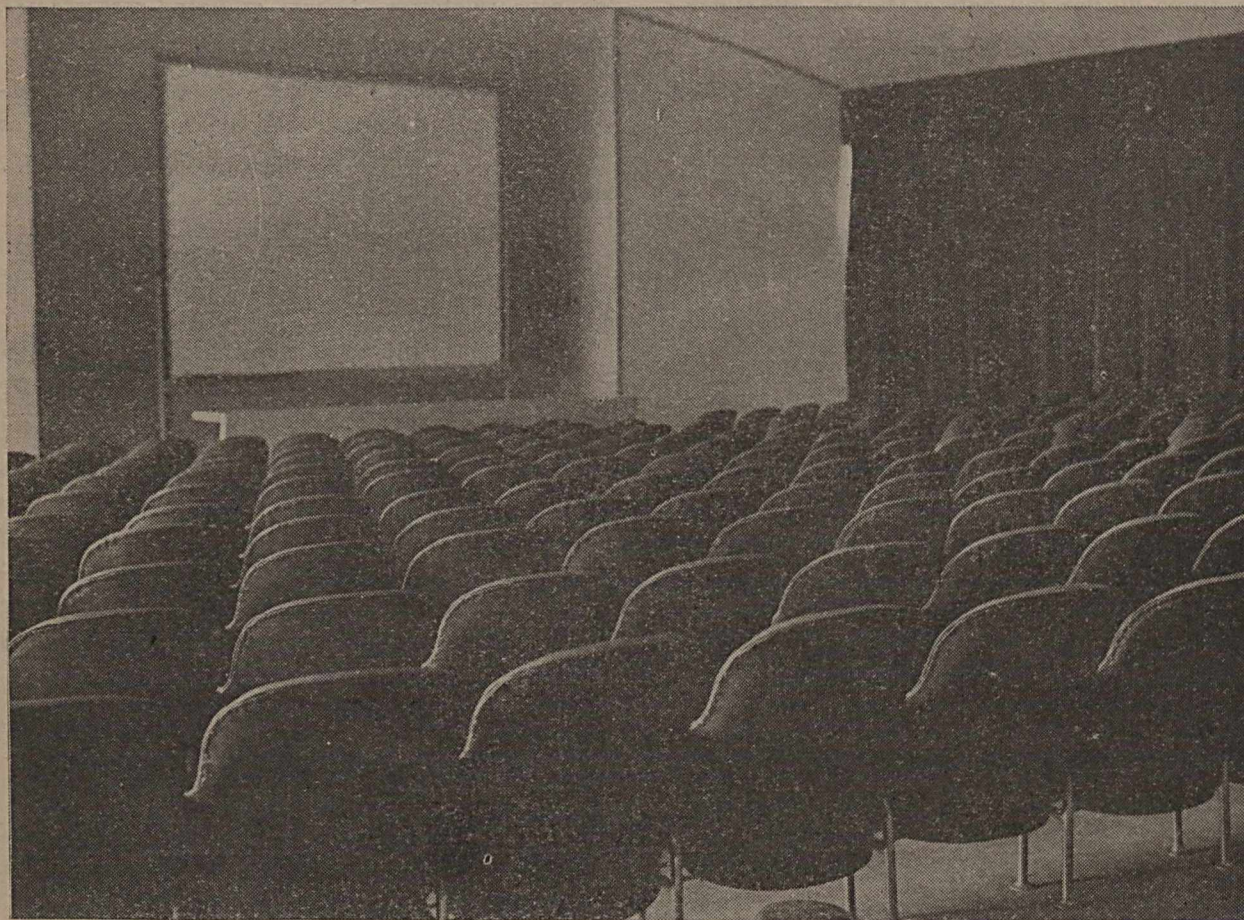
Ainda o "termômetro", oscilando a cada mudança. Comunicamos ao diretor do I.N.E.P. essa nossa impressão.

— A imagem é exata... Termômetro, registro, ou documentação. Mas isso, tão necessário, não é um fim em si mesmo. E' um meio. O fim é o de buscar novas soluções, ou reajustamento constante, para maior eficiência. E' preciso gastar mais com a educação, mas, também, gastar mais produtivamente.

Mas já passávamos para outra Secção técnica, e ali íamos encontrar outra fase dos trabalhos.



Outra estátua do jardim suspenso, trabalho de Celso Antônio.



Vista parcial do auditório.

Agora era o “laboratório”, ou o preparo dos “remédios” — os remédios para a situação menos desejável que o termômetro tivesse registrado.

O chefe da Secção, Professor Armando Hildebrand é quem agora nos explica :

— Um dos motivos de crítica aos nossos sistemas escolares primários é o de seu baixo rendimento. Tanto de percentagem de aprovação nestes Estados, tanto naqueles, a média é tanto... Mas, na verdade, estamos aí comparando coisas muito diversas, por sua natureza não comparáveis. Há Estados, onde os programas de 1.º ano primário contêm matérias só normalmente apreendidas pelas crianças em dois e até três anos. Daí, a acrescida taxa de alunos repetentes, por má graduação dos programas. Daí, também, o caso de dizermos que temos extensão de três anos de curso, quando na verdade, por essa repetência forçada, o curso passa a ser de quatro e de cinco anos, para a grande maioria das crianças. Veja

aqui : há um Estado que manda ensinar raiz quadrada no 3.º ano primário...

E ao dar esta explicação, o chefe de secção Professor Hildebrand agitava uma ficha como se ela fôsse um tubo de ensaio... Evidentemente, estávamos num laboratório.

Mas, o de que não sabíamos é que as novas instalações haviam já permitido o funcionamento normal do Museu Pedagógico.

“Museu” lembra coisas estáticas, arrumadinhas, com etiquetas, para ninguém bulir...

Mas aqui não é assim. Em amplo salão, íamos ver uma coisa viva e tangível. E, ademais, coisa que muda sempre. Há um mês atrás, era um mostruário sobre o ensino superior nos Estados Unidos. Agora, e um mostruário de construções escolares, de todo o Brasil.

Cêrca de quinhentas fotografias, uma centena de plantas e doze maquetes de edifícios construídos de 1930 a esta parte, nos Estados do

Piauí, Maranhão, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Distrito Federal, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Goiás.

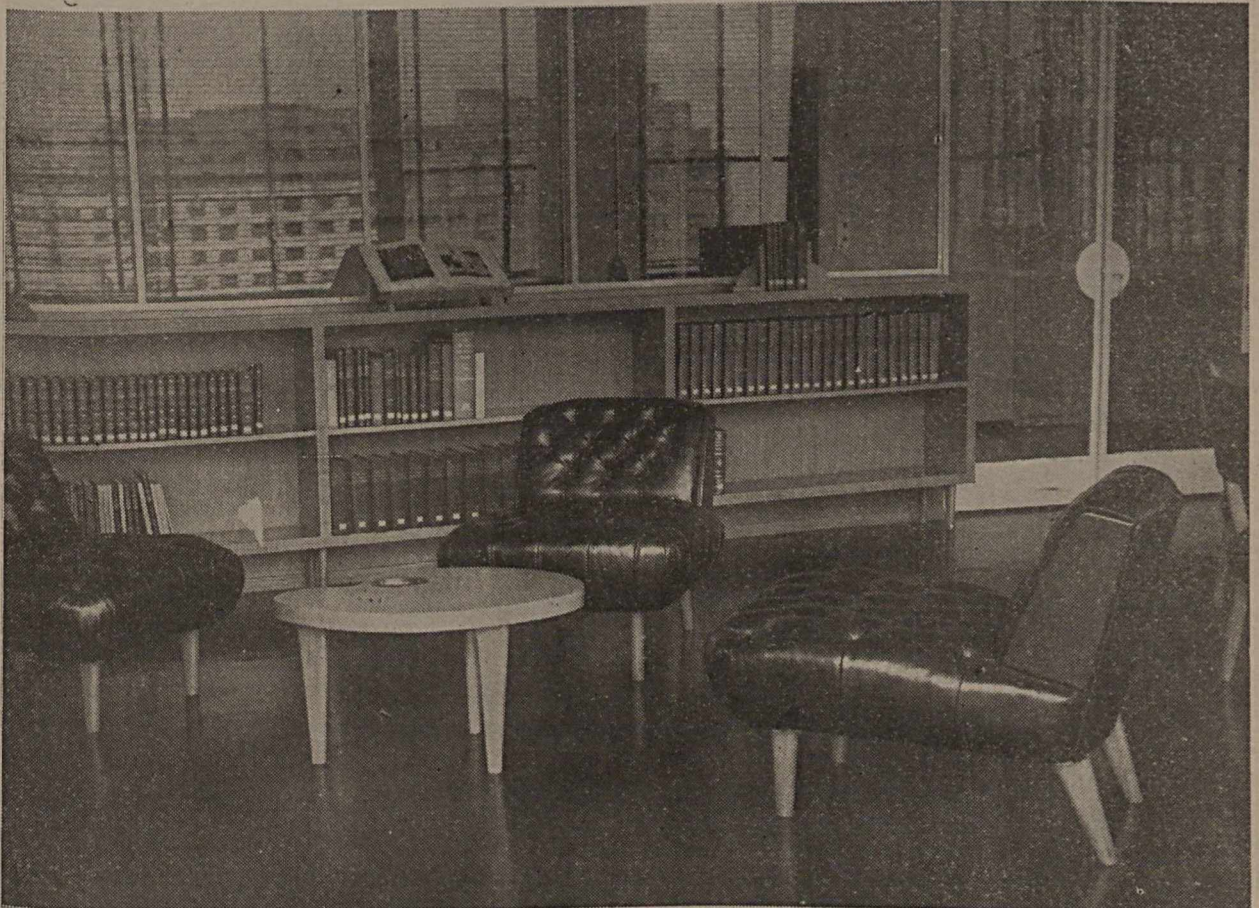
Disposto em conjuntos referentes às regiões do país — ali representadas — Nordeste, Leste, Sul e Centro-oeste — o material permite desde logo, ao visitante, segura observação das tendências regionais de construção, utilização de materiais e recursos de orçamento. E' assim que, nas construções escolares da região de leste e sul, já se observa maior adaptação do prédio escolar às funções sociais da escola. A maioria já está sendo construída com auditório, biblioteca, e compartimentos para serviços de assistência ao escolar, como cantina, serviço médico e dentário.

— Em relação a todos os Estados — explicamos a Professora Déa Veloso, chefe da Secção de Documentação — vê-se progresso no tipo geral dos edifícios. De par com alguns edifícios, geral-

mente construídos de 1930 a 1935, e que não utilizaram convenientemente os recursos do cimento armado, vê-se, em construções mais recentes, melhor adaptação às linhas que convém imprimir às casas escolares.

A cobertura com lage, com ou sem utilização de terraços superiores, sucede ao telhado tradicional, quer por motivos estéticos quer pelos de maior durabilidade e segurança. Por outro lado, o emprêgo de janelas basculantes, em salas de aulas, quase constante em projetos executados até 1938, no norte ou no sul, foi sendo substituído pelo de janelas comuns...

Tendência ainda verificada nas construções dos últimos cinco anos, com relação à feição dos edifícios escolares, é a de uma prudente volta ao tipo de arquitetura tradicional brasileira, com utilização dos processos modernos de construção. Veja, por exemplo, dois dos últimos edifícios levantados no Estado da Paraíba, e estes todos cons-



Um belo recanto da Biblioteca, onde o consulente pode permanecer enquanto se entrega à leitura



Aspecto parcial da Biblioteca.

truídos em várias cidades do interior de São Paulo...

Agora compreendíamos a função do Museu, assim explicado. E verificamos depois, por nós mesmos, que, pelo apuro técnico das construções, destaca-se a documentação apresentada pelo Distrito Federal, que, nos últimos quinze anos, construiu 70 edifícios.

Mas, pelo número de construções, e também pelo apuro técnico, salienta-se o mostruário do Estado do Rio de Janeiro. No mesmo período, a velha província levantou 156 escolas. O plano de construções, que vem sendo executado nesse Estado, a partir de 1938, e que já compreende 70 construções, de maior ou menor porte, é digno, na verdade, de especial atenção, pelo cuidadoso estudo de cada projeto. Vários dos grupos escolares, construídos em Niterói, bem como os de Volta Redonda, e o que se acha em construção na cidade de Barra Mansa, representam soluções de especial significado para o progresso de nossa arquitetura escolar.

Este último, por certas características, é apontado pelos técnicos do I.N.E.P., como dos mais modernos do Brasil. E ficaria bem em qualquer país do mundo. Com efeito, isolado por três ruas; grande ginásio e auditório; instalações especiais para a criança de 1.º ano, até com jardim privativo.

O maior número de construções, levantadas desde 1938, cabe ao Estado do Rio Grande do Sul, com 116 escolas, distribuídas por um "plano urbano" e um "plano rural". Naquele, figuram grandes edifícios, de excelente aspecto e também cuidadoso estudo funcional. Neste, apreciam-se vários tipos de pequenos grupos escolares rurais, e escolas isoladas com residência de professor, em alvenaria, ou em madeira.

A documentação referente ao Estado de São Paulo, embora incompleta, destaca-se pelo número de edifícios de grande porte, construídos quer na capital do Estado, quer em cidades do interior.

Excelente documentação enviaram ainda os Estados do Paraná e de Santa Catarina. O primeiro construiu 96 escolas, e o segundo, 66, nos últimos quinze anos, não computadas aí as construções realizadas pelos municípios, também numerosas. Certas tendências de construção parecem dominar nos edifícios de ambas essas unidades: crescente preocupação pelos problemas de orientação e aproveitamento econômico da construção. Por esse aspecto, algumas das construções de grupos escolares, em pequenas cidades do interior paranaense e catarinense, podem ser apontadas como "projeto-tipo" para solução do problema do prédio escolar na maioria de nossos Estados.

O grande mostruário, reunido no I.N.E.P., veio comprovar, em primeiro lugar, a crescente atenção que a administração de todas as unidades federadas vem dando, nos últimos anos, ao problema das construções escolares. Com efeito, segundo dados ainda incompletos, foram levantados,

desde 1930, mais de mil edifícios para escolas, dos quais setecentos depois de 1938.

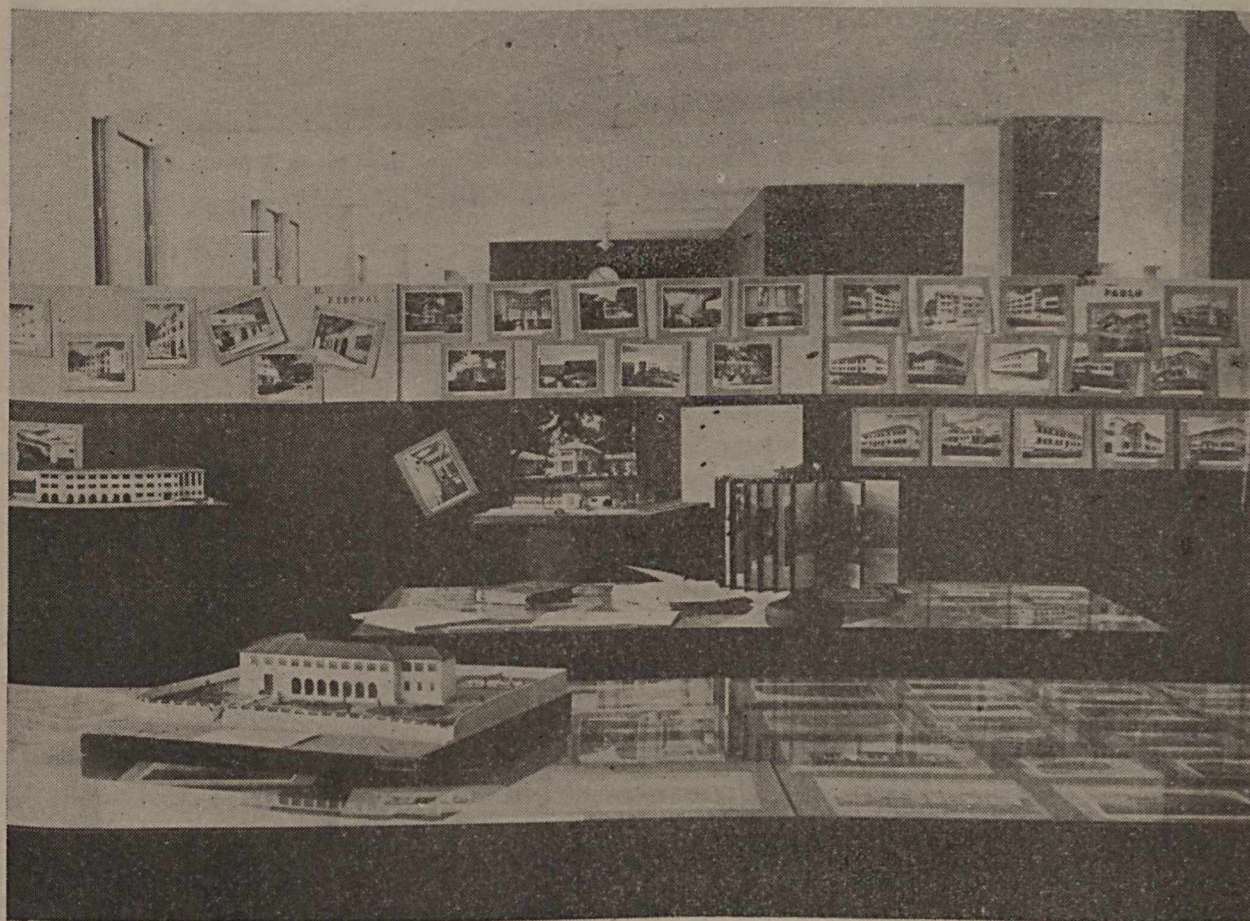
O I.N.E.P. está levantando, como se vê, a "história natural" da nossa educação. Conhecer, e conhecer objetivamente, para influir e corrigir. Números, registros, fatos. Por outro lado, técnicas modernas de fazer o espírito público interessar-se pela educação.

Tudo isso, agora, numa excelente instalação, onde tanto os funcionários como o público se sentem bem.

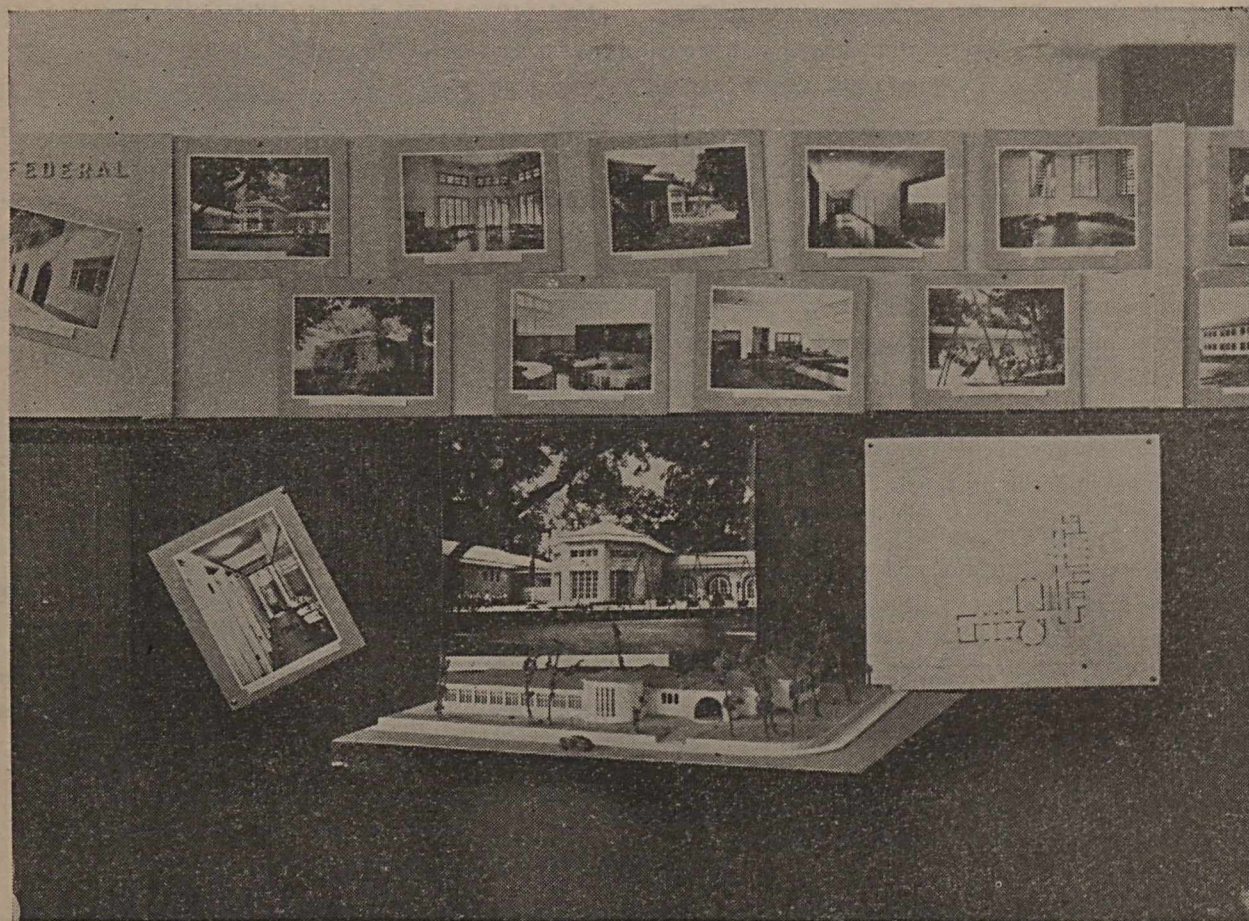
Reafirmamos a nossa impressão. Alojado no coração do edifício, o I.N.E.P. está bem colocado. Ele marca o ritmo do trabalho educacional de todo o país.

SERVIÇO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL

Já tivemos oportunidade de focalizar nesta *Revista* as atividades do Serviço do Patrimônio His-



Aspecto da Exposição de Arquitetura Escolar, organizada pelo I.N.E.P., vendo-se parte da documentação de edifícios escolares ultimamente construídos no Distrito Federal e em São Paulo.



Exposição de Arquitetura Escolar — Maquet, planta e aspectos interiores do “Jardim de Infância Campos Sales”, ultimamente construído na Praça da República, no Rio de Janeiro.

tórico e Artístico Nacional, dirigido pelo Sr. Rodrigo Melo Franco de Andrade. Esse órgão do Ministério da Educação acha-se instalado no 8.º andar.

Compete-lhe promover em todo o país e de modo permanente o tombamento, a conservação, o enriquecimento e o conhecimento do patrimônio histórico e artístico nacional.

Não chegamos desta vez, em nossa visita ao Palácio do Ministério da Educação, a avistar-nos com o Diretor Melo Franco de Andrade. Mas tivemos notícia, pela leitura do “Diário Oficial” de 15 de setembro último, de uma exposição de motivos do D.A.S.P., ao Presidente da República, referente “ao plano de estudos, pesquisas, documentação e levantamentos necessários ao tombamento sistemático dos monumentos e obras de valor histórico ou artístico, que o S.P.H.A.N., organizou para o exercício de 1945.”

O referido plano, num dos seus itens, compreende o prosseguimento dos trabalhos necessá-

rios ao tombamento de obras de arquitetura tradicional nos Estados do Pará, Pernambuco, Paraíba, Bahia, Sergipe, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Distrito Federal, São Paulo, Rio Grande do Sul, Minas Gerais.

Ainda no mesmo plano estão compreendidos trabalhos de natureza idêntica em relação a obras de pintura tradicional brasileira, especialmente nos Estados de Pernambuco, Bahia, Sergipe, Minas Gerais e São Paulo.

Prosseguindo na leitura da referida exposição de motivos do D.A.S.P., tivemos notícia que o S.P.H.A.N., pretende ainda fazer mais isto:

Trabalhos equivalentes a respeito de obras de arte aplicada nacional, particularmente do antigo mobiliário brasileiro nos Estados da Bahia e Minas Gerais.

Prosseguimento e desenvolvimento dos trabalhos de caráter idêntico, tendo em vista códices e manuscritos avulsos de valor histórico, existen-

tes em arquivos públicos, eclesiásticos e particulares do país.

Trabalhos semelhantes visando obras de arte popular brasileira, nas suas principais modalidades, especialmente nos Estados do Nordeste, assim como na região do rio São Francisco.

E, por último, trabalhos de finalidade correlata relativamente à arte indígena no Brasil e, em especial, a manifestações artísticas da civilização material dos índios Tukuna, no Estado do Amazonas.

Eis aí como pudemos transmitir aos nossos leitores interessantes informações sobre o mais recente plano do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, sem necessidade de tomar o precioso tempo do seu Diretor, em entrevista na qual, com certeza, abordaria essas atividades, de grande interesse para quantos se interessam pelo nosso patrimônio artístico.

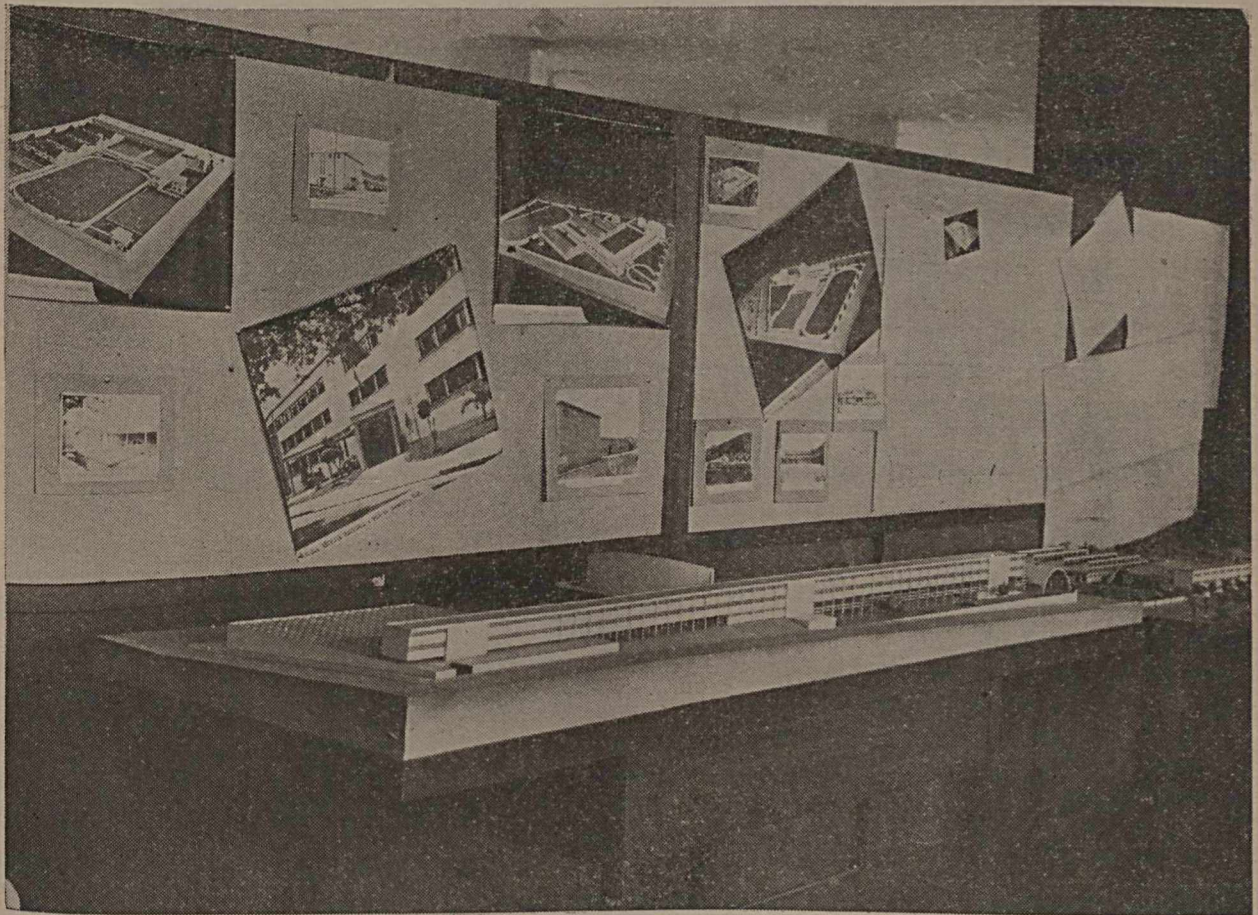
O S.P.H.A.N. está editando a *Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Na-*

cional, que é excelente repositório de informações dessa natureza. Já foram publicados sete números, sendo o último em 1943.

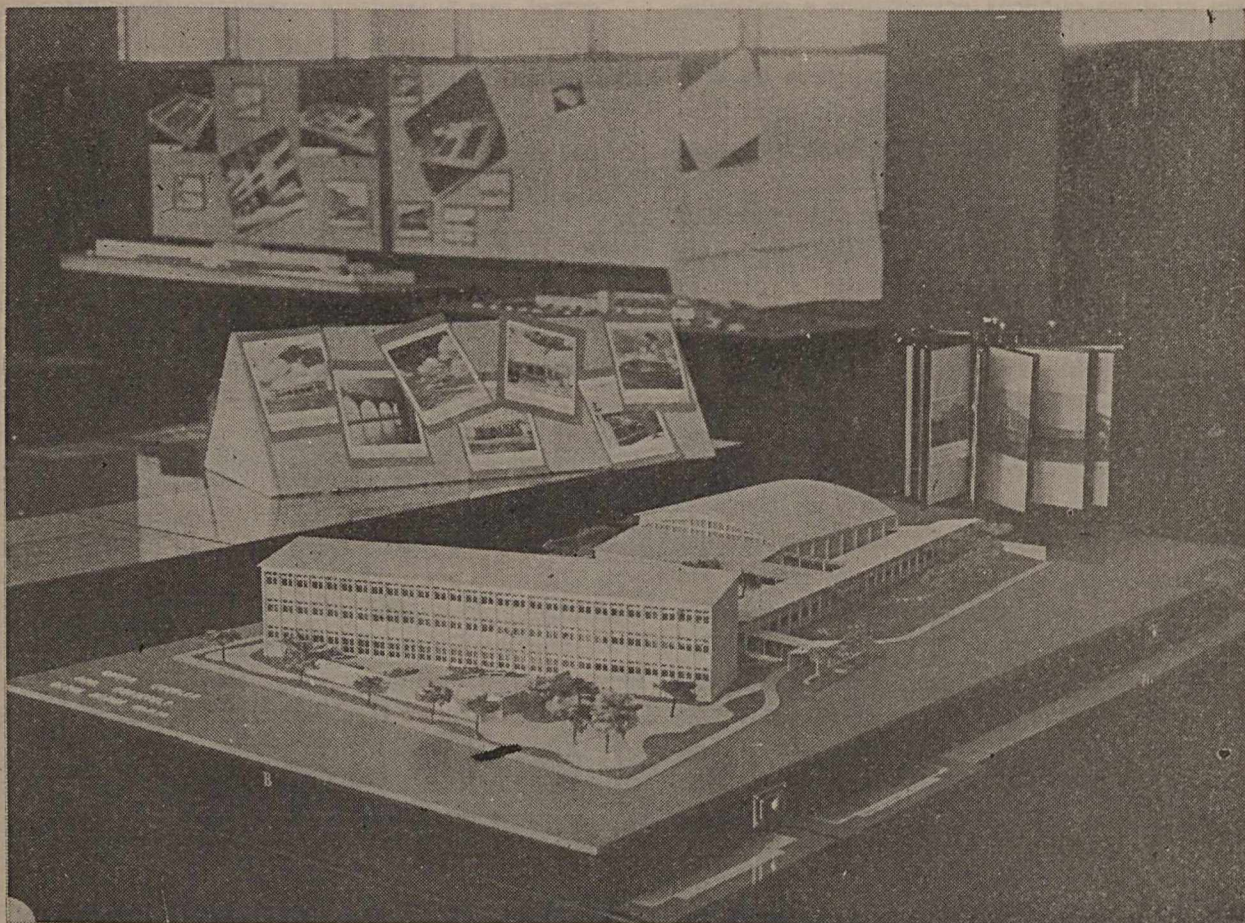
Como era natural, procuramos fazer coleção de tão útil e preciosa publicação, mas desanimamos: alguns já se acham esgotados.

Na *Revista do Serviço Público*, no seu número de novembro de 1944, publicamos longa reportagem sobre o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, ilustrada com vinte fotografias, na maioria das igrejas mais antigas do Brasil. Foi tirada separata dessa reportagem, a qual está esgotada. Talvez possa ser reeditada, com revisão completa da matéria e acréscimo de novas informações. Se tivermos apoio para essa obra, não teremos dúvida em realizá-la.

Aliás, temos tido boa ajuda do Serviço de Documentação do Ministério da Educação, que já enfeixou num livro nossas reportagens sobre o *Instituto Nacional do Livro*, *Casa de Rui Barbosa*, *Museu Histórico Nacional* e *Instituto Nacional do*



Exposição de Arquitetura Escolar — Maquete da Escola Técnica de Belo Horizonte, e aspectos de outras Escolas Técnicas, construídas pelo Ministério da Educação, em várias das capitais do país.



Exposição de Arquitetura Escolar — Maquete do Grupo Escolar Presidente Roosevelt, na cidade de Barra Mansa. O projeto desta construção é reputado como dos mais perfeitos sob o ponto de vista técnico.

Cinema Educativo. Foram tirados dois mil exemplares, que estão sendo distribuídos gratuitamente.

NA DIVISÃO DE ENSINO SECUNDÁRIO

No 15º andar funciona a Divisão de Ensino Secundário, da qual é diretora a Sra. Lúcia Magalhães.

Ali falamos à Sra. Ofélia Guimarães, Chefe da Seção de Prédios e Aparelhamento Escolar.

Na sala que precede o gabinete da Diretora da Divisão vimos um mapa todo assinalado com alfinetes coloridos e, como era natural, procuramos saber a significação das marcações. E D. Ofélia Guimarães assim nos falou:

— Este mapa do Brasil assim assinalado mostra-nos a distribuição dos estabelecimentos de ensino secundário — ginásios e colégios — pelo seu número em cada cidade.

Eis a significação das côres dos alfinetes:

Branco	1 estabelecimento
Azul	2 estabelecimentos
Prêto	3 estabelecimentos
Amarelo	4 estabelecimentos
Vermelho	5 estabelecimentos
Verde	6 a 10 estabelecimentos
Vermelho e branco	11 a 25 estabelecimentos
Azul e branco	26 a 75 estabelecimentos
Amarelo e prêto ..	76 a 100 estabelecimentos

Ficamos por instantes a observar os alfinetes coloridos e sua distribuição, do sul ao norte do país.

Lá em Rio Branco, no Acre, estava um azul, a informar-nos a existência ali de dois estabelecimentos; um prêto em Corumbá (3), outro prêto em Cuiabá (3), um amarelo em Campo Grande (4), um prêto em Manaus (3) e um branco em Santarém (1).

Na Amazônia encontravam-se assinalados 11 estabelecimentos. Há, atualmente, no país 826 estabelecimentos de ensino secundário, com a frequência de 210.000 alunos e com a capacidade para 1.013 inspetores. Há colégios que chegam a ter quatro inspetores, tal o número elevado de alunos de que dispõem.

Embora não possamos tratar com minúcia de todas as atividades da Divisão de Ensino Secundário — o que importaria em fazer longa reportagem — vamos registrar aqui, a correr, os apontamentos que tomamos quando, em companhia da Sra. Ofélia Guimarães, deixamos a sala de reunião dos inspetores escolares — onde vimos aquele mapa todo marcado com alfinetinhos coloridos a revelar-nos a distribuição dos estabelecimentos de ensino secundário por todo o país — e passamos de secção em secção a colher outras informações. E foi muito rápida esta operação. A divisão interna dos serviços no Palácio da Educação é feita de tal forma prática e inteligente que tudo fica a

mão, não nos dando absolutamente impressão de compartimentos estanques, pouco acessíveis, como se observa, ainda, em alguns setores de nossa administração. E' um viver às claras constante — e às claras de verdade — porque há luz em tudo e em toda a parte.

COMO ESTÁ ORGANIZADA A DIVISÃO DE ENSINO SECUNDÁRIO

A Divisão de Ensino Secundário é constituída da Secção Administrativa, Secção de Contrôl de Inspeção, Secção de Fiscalização e Cadastro Escolar e Secção de Registro.

Na Secção Administrativa, de que é chefe o Dr. Adalberto Correia Sena, trata-se da vida escolar dos alunos nos estabelecimentos onde se acham estudando e, internamente, a mesma secção cuida do pessoal da Divisão, na parte referente à sua frequência ao serviço, assentamentos, confecção de folhas de pagamento etc. Por sua



Demolições para formação da área destinada à praça ajardinada fronteira ao edifício.

vez, a Secção Administrativa é formada pelas de Expediente, Protocolo e Mecanografia.

Na Secção de Contrôlo de Inspeção, da qual é chefe o Sr. Romeu Fernandes, acompanha-se a atuação dos inspetores de ensino cá fora, junto ao estabelecimento que fiscalizam. Os seus relatórios, que lhe são enviados de dois em dois meses, são aí revistos com cuidado e, ao serem arquivados, recebem marcação especial, que permite rapidamente verificar-se se estão ou não completos.

No Cadastro encontra-se a ficha individual de cada estudante do curso secundário, na qual se acha registrada toda sua vida escolar. Há para um registro duas fichas: a 28 e a 29, a primeira para alunos de ginásios, e a segunda para alunos de colégios.

Na Secção de Registro, sob a direção de D. Estela da Cunha Santos, vimos o registro de todos os professores de cursos secundários do país.

Cada folha do livro de registro comporta seis fichas de professores. Observamos que há folhas seguidas nas quais só se vêem retratos de professores de ordens religiosas: padres, frades, freiras, etc. Por aí é fácil de verificar-se como é grande no país a contribuição de religiosos na formação moral e intelectual de nossa juventude.

Desde 1932, está organizado o registro de professores de curso secundário e nêle se encontram 25.959 inscrições provisórias. Os professores da Faculdade Nacional de Filosofia, que conquistam o título em cursos adequados, não figuram nesse registro provisório.

O SERVIÇO DE DOCUMENTAÇÃO

No 9.º andar está instalado o Serviço de Documentação do Ministério. Seu Diretor é o Senhor Antônio Simões dos Reis.

São órgãos componentes desse Serviço: a Secção de Documentação e a Secção de Divulgação.

Dezessete das fotografias que ilustram esta reportagem, nós as conseguimos com o gentilíssimo Sr. Simões dos Reis, com quem, afinal, não nos pudemos deter por muito tempo, senão iríamos perturbar-lhe o trabalho.

O Serviço de Documentação tem por finalidade coligir, ordenar e conservar textos documentários, dados descritivos, estatísticas e documentação fo-

tográfica, bem como organizar e editar os *Anais* do Ministério, prestar ao público e aos órgãos de publicidade do governo todos os informes relacionados com a ação dos órgãos ministeriais.

Gostaríamos de publicar aqui a relação das valiosas publicações que o Serviço de Documentação vem soltando aos poucos, mas não nos sobra no momento espaço. Particularmente, somos muito sensíveis ao Sr. Simões dos Reis, que, vencendo naturais dificuldades nos serviços de impressão, conseguiu editar *Instituições Brasileiras de Cultura*, livro formado com algumas reportagens nossas e do qual o Ministério da Educação já enviou centenas de exemplares para centros culturais do Brasil e também dos Estados Unidos.

ENCERRANDO ESTA REPORTAGEM

Iríamos longe se executássemos o programa que nos traçamos no início desta reportagem, de descrever todos os Serviços do Ministério da Educação sediados no Palácio da Esplanada do Castelo.

A princípio, sacrificamos a ordem de fazê-lo, de baixo para cima, isto é, do pavimento térreo ao último andar.

Não nos foi possível, como viram... E, agora, paramos de repente, deixando de fora numerosas repartições que, se descritas, concorreriam sem dúvida para aumentar de forma excessiva o número de páginas desta reportagem.

Talvez consigamos mais tarde, ao ser tirada a separata deste trabalho, ampliá-lo, nêle incluindo todos os órgãos que não foram descritos nesta reportagem original. E, então, além da inclusão dessa matéria nova, erros e falhas do presente trabalho serão devidamente corrigidos. E assim, "cepilhando e brunindo", como diria o saudoso mestre Laudelino Freire, pouparemos aos prezados leitores a leitura de tantos escalrachos em meio de "tantos calhaus e topadas", ainda no modo de falar desse escritor e acadêmico.

Em seguida, incluímos a relação dos serviços do Ministério da Educação sediados no seu novo palácio, e é possível que, dentro de pouco tempo, haja necessidade de nova revisão, por ter havido pequenas alterações, quanto a nomes de chefes de serviços, ou números de telefones, e até mesmo de nomenclatura de um ou outro órgão.

PALÁCIO DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

LOCALIZAÇÃO DOS VÁRIOS SERVIÇOS

E' a seguinte a distribuição de vários serviços do Ministério da Educação e Saúde, pelos quinze andares do edifício, conforme relação que nos foi gentilmente fornecida pelo Serviço de Administração da Sede, chefiado pelo Dr. Paulo de Carvalho Fontes :

ANDAR TÉRREO

TESOURARIA

Tesoureiro : Gabriel Pinheiro Chagas.

Telefone externo : 22-7333.

Telefone interno : 964.

PORTARIA GERAL

Chefe da portaria : João Pinheiro da Silva Flores.

Telefone externo : 42-7230.

Telefone interno : 963 e 901.

PROTOCOLO

Joaquim Fontainha.

Telefone externo : 42-9747.

Telefone interno : 959.

1.^a SÔBRELOJA

CENTRO TELEFÔNICO

Carlos Stroebel.

Telefone externo : 42-4908.

Telefone interno : 111.

2.^a SÔBRELOJA

DEPÓSITO DA DIVISÃO DO MATERIAL

Renato Ferreira Neto.

Telefone externo : 42-6232.

Telefone interno : 182.

SALÃO DE EXPOSIÇÃO

Telefone externo : 22-4237.

Telefone interno : 940.

2.^o ANDAR

GABINETE DO MINISTRO

Chefe de Gabinete : Antônio Leal da Costa.

Telefone externo : 22-5588.

Telefone interno : 155.

ZELADORIA DO GABINETE DO MINISTRO

Zelador : José Calheiros da Silva.

Telefone externo : 22-0330.

Telefone interno : 145.

3.^o ANDAR

SERVIÇO DE COMUNICAÇÕES

Chefe : Ubirajara Agostinho Pereira.

Telefone externo : 42-8120.

Telefone interno : 941.

4.^o ANDAR

BIBLIOTECA

Chefe : Emi do Amaral Pamplona.

Telefone externo : 42-6506.

Telefone interno : 129.

5.^o ANDAR

ENGENHEIRO DO D.A.S.P. JUNTO ÀS OBRAS DO M.E.S.

Engenheiro : Domingos da Costa Soares Filho.

Telefone externo : 22-3748.

Telefone interno : 989.

CONSELHO NACIONAL DE SERVIÇO SOCIAL

Presidente : Ministro Aaulfo de Paiva.

Telefone externo : 42-5754.

Telefone interno : 170.

COMISSÃO NACIONAL DO LIVRO DIDÁTICO

Secretário : Fernando de Sousa Castro.

Telefone externo : 42-7861.

Telefone interno : 972.

SERVIÇO DE ADMINISTRAÇÃO DA SEDE

Chefe : Paulo de Carvalho Fontes.

Telefones externos : 42-8817 e 42-1247.

Telefones internos : 962 e 999.

6.^o ANDAR

DIVISÃO DO PESSOAL

Diretor : Álvaro Pereira.

Telefone externo : 42-4401.

Telefone interno : 154.

SECÇÃO FINANCEIRA

Chefe : João Alfredo Gomes Neto.

Telefone externo : 42-7433.

Telefone interno : 162.

SECÇÃO DE CONTRÔLE

Chefe : Ildefonso Moreira da Costa Lima.

Telefone externo : 42-6750.

Telefone interno : 103.

SECÇÃO ADMINISTRATIVA

Chefe : Múcio Jansen Vaz.

Telefone externo : 22-1505.

Telefone interno : 112.

7.º ANDAR

DEPARTAMENTO DE ADMINISTRAÇÃO

Diretor Geral: Joaquim Bittencourt Fernandes de Sá.
Telefone externo : 42-4290 e 42-5727.
Telefone interno : 987.

DIVISÃO DO MATERIAL

Diretor: Orlando Gomes Calaza.
Telefone externo : 22-6977.
Telefone interno : 994.

DIVISÃO DE ORÇAMENTO

Diretor: José de Nazaré Teixeira Dias.
Telefone interno : 22-2959.
Telefone externo : 104.

8.º ANDAR

DIVISÃO DE OBRAS

Diretor: Rui Moreira Reis.
Telefone externo : 22-0966.
Telefone interno : 118.

SERVIÇO DE PATRIMÔNIO HISTÓRICO ARTÍSTICO E NACIONAL

Diretor: Rodrigo Melo Franco de Andrade.
Telefone externo : 42-7690.
Telefone interno : 183.

9.º ANDAR

COMISSÃO DE EFICIÊNCIA

Presidente: Heitor Pedro de Farias.
Telefone externo : 42-8746.
Telefone interno : 157.

SERVIÇO DE DOCUMENTAÇÃO

Diretor: Antônio Simões dos Reis.
Telefone externo : 22-8335.
Telefone interno : 125.

CONTADORIA SECCIONAL

Contador: João Maria Machado.
Telefone externo : 22-5696.
Telefone interno : 947.

10.º ANDAR

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS PEDAGÓGICOS

Diretor: Manuel Bergström Lourenço Filho.
Telefone externo : 42-7951.
Telefone interno : 175.

11.º ANDAR

DEPARTAMENTO NACIONAL DE SAÚDE

Diretor Geral: João de Barros Barreto.
Telefone externo : 42-0708.
Telefone interno : 955.

DIVISÃO DE ORGANIZAÇÃO SANITÁRIA

Diretor: Amílcar Barca Pellon.
Telefone externo : 22-2992.
Telefone interno : 979.

DIVISÃO DE ORGANIZAÇÃO HOSPITALAR

Diretor: Teófilo de Almeida.
Telefone externo : 42-3314.
Telefone interno : 918.

12.º ANDAR

DIVISÃO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Diretor: Major João Barbosa Leite.
Telefone externo : 42-3948.
Telefone interno : 975.

DIVISÃO DE ENSINO COMERCIAL

Diretor: Lafayette Belfort Garcia.
Telefone externo : 22-9169.
Telefone interno : 957.

13.º ANDAR

DIVISÃO DE ENSINO SUPERIOR

Diretor: Jurandir Lodi.
Telefone externo : 42-7604.
Telefone interno : 108.

14.º ANDAR

DEPARTAMENTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Diretor Geral: Abgar Renault.
Telefone externo : 42-1481.
Telefone interno : 106.

DIVISÃO DE EDUCAÇÃO EXTRA-ESCOLAR

Diretor: José Augusto de Lima.
Telefone externo : 42-7539.
Telefone interno : 988.

DIVISÃO DE ENSINO PRIMÁRIO

Diretor: Carlos Alberto Nóbrega da Cunha.
Telefone externo : 42-6583.
Telefone interno : 998.

DIVISÃO DE ENSINO INDUSTRIAL

Diretor: Francisco Montojos.
Telefone externo : 42-1881.
Telefone interno : 952.

15.º ANDAR

DIVISÃO DE ENSINO SECUNDÁRIO

Diretor: Maria Lúcia de Andrade Magalhães.
Telefone externo : 42-1550.
Telefone interno : 114.